



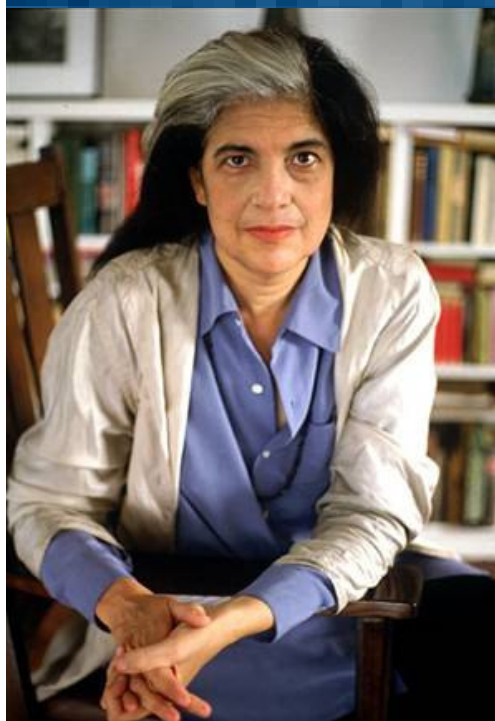
Seminário Interno
Discussão de texto
DOENÇA COMO METÁFORA.

2 de outubro de 2007

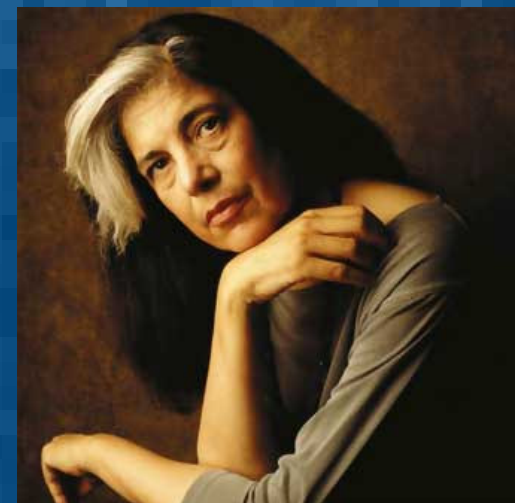
Professora Margarida de Souza Neves
Departamento de História – PUC-Rio



SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (publicado originalmente em 1978).



Susan Sontag (1933-2004) é uma intelectual norte-americana de múltiplas facetas: filósofa, ensaísta, cineasta, romancista, pacifista e polemista, refletiu sobre os problemas e desafios culturais de seu tempo. É autora, entre outros livros, de **Diante da dor dos outros** (2003).





Natureza do livro: Um ensaio corajoso e militante que a autora define como “não apenas uma obra polêmica mas uma exortação” em **A AIDS e suas metáforas** (p.88) e cuja história sofrida e objetivos a autora relata entre as páginas 86 e 88. **Um texto multiplamente complexo.**

- **complexo por sua natureza experiencial e confessional. P. 87.**
- **complexo pelo método de escrita.**
- **complexo do ponto de vista dos conceitos com os quais opera:**
 - **metáfora (cfr. p.81)**
 - **personalidade tuberculosa (ou de outras doenças)**
 - **romântico e moderno / individuação.**


Cuidado e rigor na apropriação.

Análise interna.



Tese central: A autora define a tese central de seu ensaio em várias passagens:

- p 86 “a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima.”
- p 44 “pode parecer...punitiva”
- p. 45 “tais concepções ... Tratamento.” e “ O mito ... Punitivo.”
- p. 53 “Nada ... Lépreuse.”
- p. 73 “como, quando ...fanatismo.”



Interlocução: O livro dialoga constantemente com a literatura e os clássicos da ciência política, mas seus grandes interlocutores parecem ser Nietzsche (p. 32 e 87) e Goffman (p. 88), além de sua própria e sofrida experiência.

Paratexto: o livro traz, no início, uma breve nota, significativa e comovente (p. 11). Na edição brasileira da Cia. Das Letras (Cia. De Bolso) é publicado juntamente com A Aids e suas metáforas (originalmente publicado em 1988). O 1º texto traz 19 notas e o 2º, 13. Para nós, o título do livro é particularmente interessante, já que tengencia um aspecto relevante da pesquisa. Na contracapa há um breve texto de apresentação dos 2 ensaios, não assinado.

Estrutura do ensaio:

- Dedicatória a Robert Silvers (editor do NY Review of Books)
- Breve nota de apresentação
- 9 capítulos (sem título) que podem se constituir em ensaios independentes.

1. Tuberculose e câncer: p. 12 a 15

- “enfermidades caprichosas e intratáveis (p. 12)” em função dos limites da medicina.
- ocultação / maldição e conotação moral.

2. Significados da tuberculose e do câncer. P. 16 a 23

• Dicionarização e associações

• Corpo transparente

• Euforia, exacerbação

• Sintomas enganadores

• Desmaterialização

• Enfermidade de líquidos

• Enfermidade do tempo

• Aceleração

• Espiritualiza

• Associado a privações

• Nobre e estetizável

• Corpo opaco

• Dessexualizador

• Sintomas verdadeiros

• Enrignecimento

• Enfermidade de sólidos

• Enfermidade do espaço

• Devagar e traiçoeiro

• Materializa

• Associado à excessos

• Constrangedor e ã estetizável.

T

X

C



3. Tuberculose, câncer e paixões. P. 24 a 28.

T = C  Doenças de paixão

Etiologia:	excesso de paixão	paixão insuficiente
	frustração	repressão
	resignação	resignação

4. Tuberculose, loucura e câncer: a mitologia das doenças. P.29 a 36

- conotação romântica a partir XVIII & p. 36:
dupla
herança
- índice de distinção, delicadeza e sensibilidade.
- T** • talvez 1º exemplo “de larga difusão dessa atividade caracteristicamente moderna: promover o eu como imagem” p.30
- romantização T = transfiguração literária da doença.
- articulação da idéia da doença individual
- tristeza = sensibilidade = tuberculose = melancolia
- mito T = (equação acima + criatividade) % natureza superior

L

- no século XX: “doença repulsiva, atormentadora, que se tornou sinal de uma sensibilidade superior, o veículo de sentimentos ‘espirituais e de um descontentamento ‘crítico’” p. 35
- = T isolamento, que ingressa o paciente em um outro mundo, com regras especiais.
- = T “uma espécie de exílio”. P.36
- a cura supõe que o paciente seja levado a romper com sua rotina diária.
- autotranscendência. Esclarecimento paroxístico. Comportamento irracional ou bruto.

Herança romântica de T.

C

- os tormentos que não podem ser romantizados.
- a origem na repressão das paixões.
- a condenação à morte.

Herança realista de T.

5. Doença e reação à doença. (p. 37 a– 41)

Doença =

- castigo de amor secreto (cólera, em Morte em Veneza > desindividualizada) ou sua expressão (T em A montanha mágica > individualiza)
- nódoa apavorante (T e Cólera)
- T misteriosa > julgamento psicológico # sífilis óbvia > julgamento moral.
- na antiguidade = instrumento da ira divina. No mundo moderno: T e C = formas de autojulgamento, de autotraição: o julgamento tende a cair sobre o indivíduo, e não sobre a sociedade.

6. Doença como punição ou possessão X doença como expressão do eu interior. P. 42 a 47.)

- na antiguidade: castigo , possessão ou causas naturais.
- no século XIX: expressa o caráter. Paciente e doenças se tornam desafios de decifração.
- tese >: a pessoa é responsável por sua doença. P. 45.

7. Ampliação moderna da noção de doença P. 48 a 52

& Ampliação da noção de doença: o social e o psicológico. P. 52

- “talvez porque a depressão não romântica tenha suplantado a noção romântica de melancolia”. P. 48.
- “Teorias de que as doenças são causadas por estados mentais e podem ser curadas pela força de vontade são sempre um sinal de como o aspecto físico de uma doença é mal compreendido” p. 51
- “as especulações no período moderno tenderam, de maneira constante, a ampliar a categoria de doença mental. “ p. 52.

8. Doença como punição e doença como metáfora. P. 53 a 63.

Lepra, peste, sífilis, tuberculose e câncer; metáforas do mal. P. 54.

- Nada é mais punitivo do que dar um sentido à doença. (tese . P. 53): a doença “enriquecida de sentidos é projetada sobre o mundo” p. 54.
- doenças misteriosas (múltiplas causas) = “metáforas para o que é visto como moral ou socialmente errado” p. 56.
- câncer e tuberculose, individualizam, mas recuperam metáforas de doenças epidêmicas.

9. Política e metáfora da doença. P. 63 a 75.

& Antítese e síntese.

- a enfermidades sempre foram usadas como metáforas.
- XVI = deploram alguma aberração geral ou calamidade pública, transferidas para os personagens.
- românticas: a cidade como adoecedora e o campo como restaurador.
- metáfora e política: sociedade como organismo e política como terapêutica: desordem como algo fatal.
 - maquiavel: prevenção
 - Hobbes: razão.
 - Shaftesbury: tolerância
 - no mundo moderno: não como castigo mas como sinal do mal: algo que se deve punir: totalitarismos p. 71

Tese Central: p. 73.

INTERESSE PARA A PESQUISA:

1. O TÍTULO (e suas apropriações: a doença é a doença – fenômeno fisiológico - o discurso sobre a doença – e seu aparato discursivo e retórico – é expressivo socialmente).

2. Questões maiores:

- O silêncio sobre a epilepsia que se remete à epilepsia como silêncio (ou algo a ser silenciado)
- E # T e C: exercício com capítulos 3 e 4. (lógica do “e”, e não do “ou”)
- E atravessa todas as fronteiras: sociais, raciais, temporais, ...
- Ainda que epilepsia possa ser utilizada como metáfora, isso não é o mais corrente: hipérboles no tratamento discursivo da epilepsia.
- Dicionários (e significados) / uso da literatura (#)

3. Questões pontuais:

- nota.
- p. 12: enfermidade misteriosa / contágio moral, social ou físico.
- p. 17 moderna fantasia acerca do Cancer. Como pensar em relação à epilepsia?
- P. 23 Para a epilepsia: que tipo de morte é temida?
- p. 34 qual os mitos associados à epilepsia (alguns sobrevivem muito mais que 200 anos).
- p. 39 como os médicos estudados discutem a “personalidade epilética?
- p. 50 manuais pós 1898 – 1906.
- p. 74 “uma doença tão envolta em mistificação, tão impregnada pela fantasia da fatalidade inescapável” : essa afirmação aplica-se à epilepsia?

The background features a repeating pattern of hands holding a globe, set against a light blue and white grid. The hands are rendered in a dark blue color, and the globe is a lighter shade of blue. The grid consists of thin, light blue lines forming a diamond or square pattern.

msneves@puc-rio.br
www.historiaecultura.pro.br

www.historiaecultura.pro.br